

Rubenio Marcelo, cavaleiro andante da poesia

por: **Maria da Glória Sá Rosa**

A poesia para Rubenio Marcelo é estado de espírito, convívio intenso e constante com as fontes vivas, que preenchem cada momento do ser e estar no mundo do cavaleiro andante que, à semelhança dos menestréis da Idade Média, entrega-se com talento e garra à aventura simples e grandiosa do espírito.

Suas relações com a poesia são mais ativas que contemplativas. Na pele de um artesão, executa cada verso sem pressa, preocupado apenas com a perfeição a que se propôs.

Sem filiar-se a nenhuma escola literária, revela-se dono de discurso múltiplo, onde cabem todas as formas, todos os sons, todos os significados, em versos, que avançam em variadas direções, resultado de múltiplas experiências e ideias.

Na aparente simplicidade dos haicais, desliza por caminhos imprevisíveis; na rigidez formal do soneto reconstrói símbolos e mitos da história grega como o templo de Minerva onde perpassa a magia dos tácitos segredos das vestais.

Fazer poema é para ele, improviso, brinquedo. Pequenas sensações engendram caminhos em que tudo é possível no jogo das descobertas, que transformam o circunstancial em eterno, o provisório em permanente. O humor está presente em muitas de suas criações. Abstrato e concreto se conjugam, sonho e realidade fundem-se quando desejo, inspiração e beijo se reúnem como em Poemeto.

Em dia com o tempo, percorre com desenvoltura a geração dos Beatles, dos beatinicks, de Pink Floyd, Bob Dylan e Raulzito. A condição de músico, competente, também autor de músicas e CDs, permite-lhe transitar com leveza e segurança pelos caminhos do poema.

A memória, que Walter Benjamin denomina com acerto, colmeia de lembranças, é fonte de que se vale nosso poeta para recompor uma infância, em que mar e amar representam permanente retorno ao Nordeste, fonte de ligação com os amigos, a família e, principalmente, com a mãe, a quem dedica algumas das mais belas composições.

A noite de Natal funciona como reinvenção de sonhos, resgate proustiano em que sons/cânticos e hinos são retinas chorando perdidos destinos. A preocupação social está presente no poema Elegia Nordestina, no qual as contradições de chuva e seca se alternam nos versos finais: ante o planger de mil ais /a chuva choveu demais /e tragou a natureza. Assonâncias e sinestésias dão musicalidade a versos em que o *mundO é um globO* e para *arrimar uma poesia /ela firmaria fecundo pomar*.

Exímio construtor de metáforas, dá cor ao afeto, transforma a paixão em licor e o amor em porto-paráiso onde a paz é elemento substancial.

Frequentemente faz metalinguagem, ao transformar a poesia na *persona* que faz morada de uma casa abandonada da qual partiu /a deixar só nostalgia. Ou quando a define como semente que o vate faz germinar. Dono de extrema versatilidade, faz experiências até com o concretismo, interligando poesia e desenho.

Poeta é quem consegue, como afirma Guimarães Rosa, amolecer as raízes da alma até fazer o leitor transcender a banalidade do dia a dia para o encontro com o mistério invisível que estremece o coração de quem sabe apreender os segredos mistérios, que se escondem no interior do poema.

A poesia de Rubenio Marcelo é convite à beleza, que se esconde na essência desse maravilhoso pão cotidiano, pronto para ser consumido por quem tem os sentidos abertos à beleza do universo.

Maria da Glória Sá Rosa

*Da Associação Brasileira de Críticos de Arte
e da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras
Doutora Honoris Causa pela UFMS e pela UCDB.*